

POÉTICA DA DISTÂNCIA

CARLOS FAJARDO

Carlos Fajardo [São Paulo, 1941] ingressou na carreira artística como autodidata, tendo cursado, inicialmente, arquitetura. Na primeira metade dos anos 60 frequentou, em São Paulo, aulas de desenho com Wesley Duke Lee e cursos livres de música, cinema e fotografia, sinalizando já a diversidade de interesses culturais que marcaria o desenvolvimento de sua obra. Em 1966 foi um dos fundadores do Grupo Rex, com Wesley, Frederico Nasser, Geraldo de Barros, José Resende e Nelson Leirner. Tal formação, diversificada, não-sistemática, animada, além disso, pela contracultura do período, evoca o ambiente experimental em que se iniciou o jovem artista.

A simplicidade de procedimentos, a parcimônia na relação com os materiais, a feição descontínua do trabalho, como a depender da experiência integradora de um observador, a valorização de espaços amplos e vazios, sublinhando mais a ausência do que a



doxia intelectual ou na subordinação do trabalho a premissas racionalistas; ao contrário, sopradas pela vaga de crítica e ruptura dos anos 60, essas referências aportaram-lhe uma natureza aberta, de processo, e aos poucos decantaram nele uma poética interdisciplinar, lugar indefinido entre a pintura e a escultura, permeável também à linguagem corporal do teatro e às técnicas de montagem do cinema e da fotografia. Surgiu um trabalho austero e descarnado, preocupado em repensar as possibilidades da forma com rigor e realismo em meio à agonia duradoura em que a crise do legado moderno a havia submergido, desde os anos 60.

No decênio de 1980, a obra se consolidou e se projetou no cenário da arte contemporânea brasileira; passava a apresentar-se, doravante, como um acontecimento decididamente espacial, em trabalhos que deveriam ser concebidos em relação pontual com o espaço a que se destinavam. O artista principiava a trabalhar com situações, com conjuntos sempre provisórios de elementos heterogêneos e espaços descontínuos, mais do que com objetos escultóricos. A presença do observador rente à obra vinha contar de modo decisivo, unificando esses elementos, revelando-lhes novas sintaxes e assim

renovando suas potencialidades semânticas. O trabalho, se não abria mão da feição lacônica que o havia marcado desde a origem, abria-se nessa década ao encontro imprevisível com a singularidade de cada novo lugar, e assim a uma cifra — mas pulsante — dimensão expressiva.

A mostra *Poética da Distância* apresenta uma síntese da trajetória de Fajardo do final dos anos 60 à atualidade, longe das exigências de um foco retrospectivo. Privilegia trabalhos realizados a partir dos anos 80 sem descartar alguns, mais antigos, que embora compareçam em número restrito, anunciam uma característica que se firmou de maneira fundamental na obra: a beleza inesperada e surpreendente, áspera e frágil a um só tempo, colhida do caráter imediato e da simplicidade dos procedimentos, e do



uso de materiais prosaicos, isentos de plasticidade ou de qualidades expressivas. A trajetória do artista convida a deslindar as diversas correntes que alimentaram a obra — a arte pop, as tendências construtivas brasileiras, o minimalismo — e revela o quanto esse artista decantou e problematizou essas fontes, até firmá-las numa linguagem extremamente pessoal.

SÔNIA SALZSTEIN, fevereiro de 2003



presença das coisas —, o apreço pelo pouco, enfim — são aspectos marcantes na produção de Fajardo. Tal austeridade, firmada desde o início da carreira, em meados da década de 1960, favoreceu a formação de um lastro construtivo na obra — algo que viria garantir o caráter franco e direto das ações do artista — e, ao mesmo tempo, conferiu a essa obra uma gravidade auto-reflexiva e certa inclinação conceitual.

A filiação a uma raiz construtiva e a inflexão conceitual não redundaram, entretanto, em orto-

- 1 sem título, 2002
[primeira versão realizada em 1997]
cipó e cabo de aço
e 160cm
coleção do artista SP
- 2 sem título, 2003
chumbo e papel
20 x 200 x 630cm
coleção do artista SP
- 3 sem título, 2003
[primeira versão realizada em 1987]
madeirite e estrutura de madeira
350 x 730cm
obra destruída
- 4 sem título, 2003
espelhos sobre madeira e chassis de metal
dimensões variáveis
coleção do artista SP



30 de maio
a 13 de julho
de 2003

terça a domingo
das 10h às 19h

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI

Praça da Alfândega s/n
Centro - Porto Alegre, RS
tel [51] 3277 2311
museu.margs@terra.com.br
www.margs.org.br

patrocínio



apoio

APLAUSO
CULTURA DE QUALIDADE

ATIVA
O SABOR DO RIO GRANDE

MIOLO
Tendões e Tendões Frios

TINTAS
killling

GRUPO HOTEL PLAZA
RIO GRANDE

OURO E PRATA
CANGARÁ

realização

M|AR|GS

